
FEMINISMO NAS MÍDIAS SOCIAIS: ATUALIDADES E POTENCIALIDADES

Bárbara Nascimento de Oliveira¹
Franciele Jacqueline Gazola da Silva²

Introdução: Novas elaborações e ativismos feministas: questões iniciais

Vivenciamos um paradoxo quando falamos de feminismo: por um lado, verificamos a expansão e legitimação do discurso feminista nas redes sociais e na sociedade, com as manifestações que ganham corpo nas ruas, a exemplo da *Primavera das Mulheres*; por outro, presenciemos recuos conservadores expressos na política formal, especialmente no poder legislativo, que tem os direitos das mulheres como um de seus alvos.

A atual composição do Congresso Nacional, considerada a mais conservadora desde a ditadura civil-militar de 1964³, expressa sua política reacionária a partir da articulação da intitulada Bancada BBB (Boi-Bala-Bíblia)⁴ e tanto dá suporte a ataques aos direitos trabalhistas quanto ameaça grupos historicamente oprimidos. A atuação de Marco Feliciano (PSC-SP) na presidência da Comissão de Direitos Humanos, em 2013, na Câmara Federal, trouxe à tona o descaso dado às reivindicações das mulheres pelos que disputam a hegemonia e manutenção no poder.

No início de 2013, entravam em cena as manifestações contra os ataques aos direitos das mulheres e em defesa do Estado Laico, ainda que essas tivessem expressões significativas apenas em algumas cidades, como Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. É com a eleição de Eduardo Cunha para a presidência da Câmara Federal de Deputados que o cenário político torna-se mais acirrado e que os levantamentos das mulheres tomam as redes sociais (a exemplo das

¹Bacharela em Comunicação Social/Jornalismo, mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCom-UFS). E-mail: babi.nascoli@gmail.com.

²Graduada em Psicologia pela UFPR, Mestre em Educação pela Universidade Católica de Santos (Unisantos).

³ O dado é do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap). Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 23 de março de 2016.

⁴ Caracterização do Congresso. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/revista/844/bbb-no-congresso-1092.html>>. Acesso em: 23 de março de 2016.

campanhas #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto) e ganham forma em atos massivos de rua (#MulheresContraCunha; #ForaCunha; #MulheresNegrasContraCunha).

O Estatuto do Nascituro e ataques aos direitos sexuais e reprodutivos, o Estatuto da Família, a proibição da distribuição do material do programa “Escola sem Homofobia” ilustram a agenda patriarcalda política brasileira. As mulheres entram em cena para denunciar os impactos de um modelo político pautado pelas conciliações entre a bancada conservadora e a presidência da primeira mulher eleita no país.

Sem desconsiderar o avanço do conservadorismo, mas entendendo que justamente neste contexto o feminismo se fortalece como parte de um projeto emancipatório, buscamos debater que ativismo tem se constituído mediado pelas novas ferramentas de comunicação associadas às novas tecnologias e potencializadas pelas mídias sociais. Buscaremos compreender o feminismo e suas protagonistas no momento atual, sem desconsiderar as 'heranças' e 'inovações', concretizando a análise a partir do estudo de ações de um agrupamento feminista local: o *Coletivo de Mulheres de Aracaju*.

1. O movimento feminista: inovações e continuidades

Dentre os movimentos sociais atuais, o movimento feminista tem alcançado crescente notoriedade, mobilizando a sociedade em torno do debate de igualdade de gêneros. Não à toa, 2015 ficou conhecido como o ano da *PrimaveraFeminista*.

O feminismo ganhou território no mundo da vida e no espaço virtual e faz parte do cotidiano de muitas mulheres, inclusive das que não se identificavam com o movimento anteriormente. Ilustram este crescimento as manifestações de mulheres em várias cidades brasileiras em defesa da manutenção de direitos, as quais arrastaram mais de 150.000 pessoas só em São Paulo - fato evidenciado em capas das principais revistas de circulação nacional (*Istoé*, *Época*), que repercutiu também em programas de televisão - Jô Soares, Profissão Repórter e outros (abordando ativismo na internet, ameaças de morte, violência).

Ressalvado o fato de que os temas que adquiriram visibilidade no último período nas vozes do movimento feminista serem questões sociais de longa data - com destaque para a violência contra as mulheres - a novidade é a legitimação social do feminismo no último período.

Céli Regina Jardim Pinto no livro *Uma história do feminismo no Brasil*, ao debater o feminismo do início do século XXI, recolocava a pergunta que, segundo a autora, acompanhou a maior parte da década de 1990: “O feminismo acabou?”.

Reconhecendo o esvaziamento do movimento contestatório de mulheres “tal como existiu nas décadas de 1970 e 1980” (PINTO, 2003, p. 91), com grupos de reflexão, associações fortes, manifestações públicas, a autora considerava bastante equivocado simplesmente decretar o fim do feminismo.

Sua caracterização era de que, nos anos 2000 havia um “feminismo difuso”, que tomou novas formas, sob influência especialmente de duas movimentações distintas e complementares: enquanto o pensamento feminista se generalizou, o movimento feminista do período se especializou.

Em sua análise, ela considerava o contexto mundial de avanço do neoliberalismo, no qual os movimentos sociais sofreram um processo de retração, combinado com o “enxugamento” do Estado através de políticas neoliberais e emergência das ONGs, às quais muitas ativistas acabaram se articulando.

O que a autora aponta é uma incorporação, a partir também do legado feminista e de outros movimentos identitários, das demandas das mulheres por largas parcelas dos discursos públicos.

A caracterização do feminismo brasileiro do início do século XXI, feita pela autora era:

Esse feminismo difuso não tem militantes nem organizações e muitas vezes é defendido por homens e mulheres que não se identificam como feministas. Também não se apresenta como um rol articulado de demandas e posturas em relação à vida privada e pública. Por ser fragmentado e não supor uma “doutrina” é um discurso que transita nas mais diferentes arenas e aparece tanto quando silencia o contador da anedota sexista como quando o programa de um candidato à Presidência da República se preocupa com políticas públicas de proteção aos direitos das mulheres. Um dos exemplos mais fortes dessa mudança de cultura na sociedade brasileira é a legitimidade que alcançou o Congresso Nacional e nos Legislativos estaduais a discussão sobre o assédio sexual, tema muito discutido pelas feministas na última década. (PINTO, 2003, p. 93).

Para além das feministas organizadas, a ideia de que o movimento perdeu sua atratividade junto a novas gerações de mulheres foi tema recorrente na mídia, como apontam Gomes e Sorj (2014). As autoras trazem diferentes justificativas apresentadas quanto à superação do feminismo - que vão desde seu fracasso a seu total sucesso, o que o tornaria desnecessário. Contrapondo-se à noção de crise do feminismo compartilhada por muitas

feministas que afirmavam que as jovens, ao crescerem em uma sociedade que ampliou as liberdades de escolha das mulheres, teriam perdido a noção da transformação histórica das relações de gênero provocadas pelas lutas feministas de outra geração, as autoras apontam para a vitalidade do feminismo e sua capacidade de transformação contínua.

Em 2010, a Fundação Perseu Abramo diagnosticava que, na primeira década do século XXI, aumentou de 21% para 31% o contingente de mulheres que se considerava feminista, sendo as jovens as que mais se identificavam com o feminismo: 40% das jovens entre 15 e 17 anos (faixa etária mais jovem da amostra), 37% das mulheres entre 25 e 34 anos, e 23% das mulheres maiores de 60 anos.

Outro fato que evidencia a identificação de mulheres com o feminismo, também apontado pelas autoras, é o envolvimento de 200 mil mulheres na preparação da Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres de 2011, dados apresentados pela Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) da Presidência da República.

Segundo elas, “provavelmente esse movimentos de mobilização apresentam tamanha capilaridade e estão tão descentralizados que não alcançam a visibilidade que a mídia e o público geral conseguem captar.” (Gomes e Sorj, 2014, p. 435).

Etambém identificam a emergência de coletivos de jovens feministas, indicando que o feminismo continua relevante para as novas gerações, que se organizam a partir de identidades políticas variadas, diferentes graus de institucionalização e de expressão.

2. Primavera nas ruas e nas redes sociais

Em sua diversidade, tais novas gerações constituem-se tendo as novas tecnologias como importantes ferramentas de divulgação, de renovação e diálogo. Uma expressão contemporânea do movimento feminista, a *Marcha das Vadias*, é ilustrativa da relação entre feminismo e mídias sociais.

Diana Helene (2013, p. 70), ao discutir a relação corpo-cidade-internet a partir da Marcha, relembra que a manifestação inicial, originária do que se tornou esse movimento internacional, foi convocada a partir de um evento no *facebook*, que rapidamente agregou diversas pessoas, entre elas, organizações feministas e/ou contra a violência de gênero, de modo que seis semanas após a publicação do evento intitulado *SlutWalk*, 4 mil pessoas marcaram presença na manifestação em Toronto, cidade canadense.

A autora resgata a avaliação das organizadoras da manifestação, de que muitas pessoas sem experiências prévias de engajamento em movimentos reivindicatórios, a partir da internet passaram a identificar-se com a questão:

Muitos protestos contemporâneos tem base na popularização de recentes tecnologias de informação e comunicação: internet aliada a aparelhos celulares multifunções, máquinas fotográficas e filmadoras, tem construído uma gama de conteúdos digitais que estão em constante troca, contraposição e retroalimentação em redes sociais, blogs, etc. (HELENE, 2013, p. 69).

Para além da *Marcha das Vadias*, a partir da qual inúmeras cidades e países construíram manifestações em torno do combate à cultura do estupro e à violência, que em alguns casos passaram a incorporar novas pautas e atrizes/atores sociais, o feminismo foi ocupando cada vez mais espaços nas mídias sociais.

Outro elemento a ser considerado é que a *Marcha das Vadias* alavancou a criação de coletivos feministas, que se estabeleceram para além dos protestos, passaram a se encontrar e realizar outros eventos. Formaram grupos agregando especialmente mulheres jovens, muitas das quais não tinham experiência-militante anterior ou participação em nenhuma atividade de contestação social. O funcionamento de tais grupos caracteriza-se pela horizontalidade e descentralização: não existem funções específicas definidas e a internet é uma ferramenta essencial para o debate e organização interna (HELENE, 2013, p. 71). Características e diferenças locais não são negligenciadas por esses novos movimentos, pelo contrário, são elementos que garantem uma identidade própria de cada uma destas experiências.

A construção de outros movimentos que se seguiram à *Marcha das Vadias* também teve nas redes sociais uma importante mediação. Podemos citar, no ano passado, a *Marcha do Empoderamento Crespo*, protagonizada por jovens mulheres negras, e a construção da *Marcha das Mulheres Negras*, demanda de décadas anteriores que ganhou as ruas de Brasília em novembro/2015, mobilizando mulheres de todas as regiões do país.

A construção de blogs, páginas feministas, sites, etc. também têm um papel de destaque na agregação e formação desse feminismo contemporâneo. *Blogueiras Feministas*, *Geledés*, *Blogueiras Negras*, *Empodere Duas Mulheres*, são exemplos.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:



Figura 01: 618.096 pessoas interagem com a página Empodere Duas Mulheres



Figura 02: 225.577 pessoas interagem com as Blogueiras Negras.

O tema da violência e a afirmação da autonomia continuam ocupando espaço central para o feminismo. Na internet, as campanhas #MeuPrimeiroAssédio e #MeuAmigoSecreto inovaram ao utilizar as hastags para abordar a violência contra as mulheres, ganhando a atenção de um bom número de pessoas e contribuindo para romper com o silêncio de meninas, adolescentes e mulheres.

Tais campanhas contribuíram para o crescimento de 354,5% das buscas pelo termo “empoderamento feminino” na internet entre janeiro/14 e outubro/15, de acordo com o site *Think Olga*, que anunciou 2015 como o “ano do feminismo na internet”. O espaço das

mulheres na mídia e na sociedade também foi abordado, nas ruas e nos meios de comunicação, com a campanha #AgoraÉQueSãoElas.

O *boom* das campanhas acontece ao mesmo passo em que uma possível mudança na legislação sobre o atendimento a mulheres vítimas de estupro leva milhares de manifestantes feministas, e/ou que se referenciam no movimento de mulheres, às ruas contra o Projeto de Lei 5069/2013. O PL de autoria de Eduardo Cunha (PMDB) “tipifica como crime contra a vida o anúncio de meio abortivo e prevê penas específicas [até três anos de detenção] para quem induz a gestante à prática de aborto [ou mesmo aconselha e presta socorro]” e, também descaracteriza a Lei de Atendimento à Vítima de Violência Sexual (Lei Nº 12.845/2013), para ser atendida pelo Sistema Único de Saúde (SUS), a vítima teria de comprovar a violência através de boletim de ocorrência.

A pauta concreta – projeto de lei que retrocede no tratamento da violência sexual como questão de saúde pública – somou-se ao descontentamento de setores oprimidos da sociedade, especialmente mulheres, negras e negros e população LGBT, que foram grandes impulsionadores das manifestações #ForaCunha.

Tais manifestações foram atravessadas por outros atores sociais num contexto de desestabilização política crescente no país, gerando disputas intensas de significado e modos de intervenção em relação à conjuntura nacional, mais acirrados diante da deflagração do processo de impeachment da presidenta, ocasionando polarizações também entre agrupamentos feministas.

3. Ressignificando o feminismo: novos termos, novos espaços

O contraditório também pode ser entendido como uma marca do feminismo. Quando as mulheres lutam por emancipação e direito ao próprio corpo são adjetivadas de vadias, vacas, vagabundas. Cabendo a estas o papel de resignificar termos e demarcar novos territórios, como quando do lançamento da *Marcha das Vadias* no mundo e no Brasil, com variações de contexto, mas com um eixo comum: as mulheres não são culpadas pelas violências que sofrem.

Se podemos enxergar a Marcha como uma releitura de pautas feministas de décadas anteriores também podemos localizar críticas anteriores nos movimentos vistos a quente. O feminismo protagonizado historicamente pelas mulheres operárias teve de lidar com as

críticas que seria este um movimento contestatório que dividia a classe trabalhadora; tempos depois, seria acusado de incorporar pautas burguesas; as críticas internas deram conta da predominância de uma branquitude, superada com rupturas e organização das mulheres latinas, negras, indígenas, camponesas; assim como também vieram as críticas de invisibilização e negação de mulheres trans, lésbicas e bissexuais; para citar alguns exemplos.

As marchas dos anos 2000 e os debates feministas alimentados no campo virtual são frequentemente criticados pela ausência de perspectiva estratégica. Quando se prioriza as categorias *empoderamento*, *sororidade* pode-se incorrer no erro de não entender o patriarcado como estruturante do modelo econômico adotado pelo sistema capitalista, por exemplo. Por outro lado, quando se fala em negritude e protagonismo das mulheres negras, surgem críticas de que esse seria um debate identitário e que não necessariamente alcançaria as raízes do problema. Também quando se fala em protagonistas desse novo momento - e aqui não cabem alusões a uma nova onda- vamos perceber contraditoriamente uma ode aos levantes das mulheres que agitaram o país no final de 2015 e uma crítica à composição destas marchas: mulheres jovens, universitárias, brancas, classe média.

Se o movimento feminista ainda não superou suas lacunas, não se pode dizer que a pluralidade de leituras não foi incorporada como sua principal característica, já que o feminismo é tanto prática quanto processo. Entender a categoria *mulher* a partir da totalidade aparece, então, como desafio e potencialidade para o movimento.

4. Estudo de Caso: #PrimaveraFeminista e #ForaCunha em Aracaju

Em Sergipe, a indignação diante do conservadorismo na política e dos ataques diretos aos direitos das mulheres corroborou ensaios de uma primavera que florescia no país. Para tratar desse momento particular da conjuntura vamos utilizar como exemplos as ações do *Coletivo de Mulheres de Aracaju*, entre as razões porque: a) esta organização emerge como consequência da 1ª *Marcha das Vadias* realizada em Sergipe, em junho de 2012; b) protagonizou atos contra a PL 5069 e o #ForaCunha; c) foi escolhida como campo de atuação por diversas jovens foram às ruas protestar contra o conservadorismo, como demonstra a tabela abaixo:

TABELA 01: QUESTIONÁRIO DA VIVÊNCIA FEMINISTA (COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU)

COMO CONHECEU O COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU?

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

1	Através do primeiro ato Fora Cunha em Aracaju.
2	Através da minha mãe.
3	Em uma reunião de organização da Semana da Visibilidade Trans.
4	Através de meninas do próprio coletivo que atuam comigo em outros movimentos.
5	Através da minha amiga.
6	Através do contato com militantes do RUA que também construíam o Coletivo de Mulheres de Aracaju.
7	Na organização do ato contra o PL 5069.
8	Amigas da Marcha das Vadias.
10	Através das redes sociais e Marcha das Vadias.
11	Faço parte desde a fundação, logo após a I Marcha das Vadias ser realizada em Aracaju (2012).
12	Através da rede social facebook. Amigos curtiram a página. Li a chamada sobre o movimento e em seguida, procurei contato.
13	Conheci o Coletivo a partir de companheiras da militância que estiveram desde o início à frente da construção de uma organização feminista.
14	Entrei na primeira oportunidade!
15	Através das mulheres do meu partido e da Marcha das Vadias.
16	Companheiras de partido.
17	Através de amigas.
18	Através das manas da Marcha das Vadias de Aracaju.
19	Através da formação de 2013.
20	Durante a Marcha das Vadias e de amigas que participam.
21	Pelo Facebook.
22	Uma linda militante me apresentou.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

23	Fundando ele.
24	Facebook.

Tabela 02: Questionário da Vivência Feminista (Coletivo de Mulheres de Aracaju - dezembro 2015).

Fonte: Elaboração própria

Buscaremos entender como se configura esse novo momento do feminismo na cidade, atentando especialmente ao momento posterior ao 1º ato do #ForaCunha, em que o Coletivo é renovado a partir de sua relação com mulheres que se aproximam especialmente a partir de mobilizações feitas via internet em contraposição ao PL5069.

A partir de evento no *facebook* ocorre a articulação entre meninas sem experiências prévias de engajamento político feminista e as integrantes do Coletivo. Possibilitando novas relações e intervenções políticas. Nesse período foram organizados três atos de rua que tiveram como consequência o posicionamento destas mulheres jovens como feministas.

Contrariando as análises gerais sobre os novos movimentos feministas e em especial a *Marcha das Vadias* e o levante configurado como *Primavera Feminista*, o perfil das mulheres que optaram por este Coletivo enquanto campo de atuação é diverso: majoritariamente não-branco, pertencentes à classe trabalhadora (empregadas no telemarketing e trabalho informal), jovens mães, mulheres trans, universitárias, secundaristas, negras, periféricas. O que nos leva a crer que as mobilizações do tempo presente são técnicas de resistência potencialmente tão eficazes quanto às manifestações de outras décadas. E que as composições das marchas e do feminismo dos anos 2000 não são estáticas.

As inquietações de ordem individual, os assédios e o conjunto de violências a que são submetidas todas essas mulheres ao longo de suas existências enquanto sujeitas ganham uma nova dimensão a partir da troca de experiências: novas integrantes, mulheres que impulsionaram o Coletivo, que vieram de outras localidades e com trajetórias diferentes dentro e fora do movimento valorizam as diferenças como possibilidade de síntese.

Assim, cabem nessas manifestações e na organização tanto o feminismo contemporâneo quanto formulações históricas de outras décadas, que ganham novos contornos e permanecem urgentes. Elementos que se materializam em respostas a seguinte questão: “Quais motivações a levaram a participar do Coletivo”?

Os termos que constam na tabela abaixo, a exemplo da resposta número (3) “coletivo plural”, (5) “somar”, (6) “empoderamento”, (7) “auto-organização”, (9) “acolhida”, (11) “patriarcado”, (14) “abertura de diálogo para recentes e veteranas”.

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

O termo empoderamento está diretamente associado ao tratamento dado atualmente ao feminismo, enquanto auto-organização e patriarcado remetem a elaborações anteriores que adquirem novos sentidos, a partir da participação de mulheres trans no Coletivo, por exemplo.

TABELA 03: QUESTIONÁRIO DA VIVÊNCIA FEMINISTA (COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU)

MOTIVAÇÕES	
1	"Ohh companheira me ajude que eu não posso andar só, pois sozinha eu ando bem, mas com você ando melhor...".
2	Por afinidade com as companheiras, e me <u>identificar</u> com os projetos e bandeiras levantadas pelo coletivo,
3	Por ser um coletivo plural , que possibilita um maior aprendizado.
4	Senti a necessidade de me organizar para aprender mais sobre o movimento e me <u>identifiquei</u> com as meninas do grupo.
5	Aprender mais sobre o feminismo, ter teoria pra defender as mulheres e somar porque a luta sozinha é mais complicada.
6	Necessidade de atuação feminista na cidade, necessidade de organização e empoderamento das mulheres.
7	Acredito na auto-organização das mulheres como consequência para nossa emancipação.
8	A necessidade de pautar o debate feminista que vínhamos acumulando em alguns espaços e determinadas ações que algumas companheiras estavam encampando naquele momento.
9	Me <u>identifiquei</u> , por acreditar na luta coletiva. E me sinto acolhida .
10	Ajudar e proteger as irmãs, militar conscientizando/desconstruindo pessoas e batalhar por todos os nossos direitos e conseguir o devido respeito.
11	O patriarcado ou patriarcalismo, como queiram.
12	Bom, sofro muito com essa repressão anti-feminista e preciso ouvir uma real pra me fazer forte e combater mais forte ainda esse mal.
13	Necessidade de me organizar enquanto militante, numa organização que acredito.
14	<u>Aidentificação</u> com as pautas defendidas por está organização, pela receptividade e bom acolhimento proporcionado pelo grupo, pela característica

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

	apartidária e auto-organização, transparência nas ações desenvolvidas, abertura de diálogo para recentes e veteranas , e pela necessidade individual de participar das lutas e debates que ajudam a promover melhorias nas políticas públicas para as mulheres.
--	--

Tabela 04: Questionário da Vivência Feminista (Coletivo de Mulheres de Aracaju - dezembro 2015).

Fonte: Elaboração própria

As diferentes motivações partem de um núcleo comum, compartilhamento de vivências e reconhecimento de diferenças entre as mulheres, que possibilita a identificação destas com o Coletivo de Mulheres de Aracaju, o que fica explícito na expressão “identificação”, presente em quatro respostas.

“Acolhimento”, “soma”, “diálogo” são outros termos que remetem à construção de uma organização pautada por transversalidades, configurada no campo feminista como feminismo interseccional. Que busca apreender essas diferenças para fortalecer as lutas contra a produção de desigualdades, trabalhando a partir do reconhecimento de vozes subalternas do feminismo (Crenshaw, 1989). Assim, trajetórias, raça, etnia, classe, orientação sexual, identidade de gênero são elementos combinados nas lutas contra o machismo.

TABELA 05: QUESTIONÁRIO DA VIVÊNCIA FEMINISTA (COLETIVO DE MULHERES DE ARACAJU)

O NOSSO FEMINISMO É...	
1	Acolhedor , forte, interseccional , sagaz, envolvente, sincero.
2	Anticapitalista, interseccional , libertário.
3	O nosso feminismo é inclusivo .
4	Não sei explicar, mas é massa!
5	Resistência. Defender causas que beneficiem a vida e o direito das mulheres.
6	Libertário, dinâmico, dialético , vivo, classista, antirracista, combate a lesbobitansfobia.
7	Interseccional . Hoje, mais do que quando começamos, reafirmamos a necessidade de construir as nossas bandeiras e o nosso olhar a partir de um conjunto de desigualdades - que são vividas de maneiras distintas quando consideramos cor, classe, sexualidade, identidade de gênero.
8	O coletivo é um meio onde quero perpetuar minha vida. E ser feminista e por

Anais do I Seminário Nacional de Sociologia da UFS

27 a 29 de abril de 2016

Programa de Pós Graduação em Sociologia – PPGS

Universidade Federal de Sergipe – UFS

ISSN:

	fim no machismo e respeitar as diversidades em questão de gênero. E elaborar projetos e construir uma base sólida em defesa e proteção a mulher.
9	Irmandade. É batalhar com calma e com sangue no olho. É ser viva e ferver com toda alma. É ser mulher e ter muito orgulho. É ser sempre guerreira, defensora e educadora de uma nova geração. Ser feminista é ser livre.
10	Vida!
11	Forte, propagante, incluir e me fez querer ser muito mais dentro, me fez querer agregar.

Tabela 06: Questionário da Vivência Feminista (Coletivo de Mulheres de Aracaju - dezembro 2015)

Fonte: Elaboração própria

Considerações Finais

Com este estudo buscou-se debater as relações entre expansão e legitimação do discurso feminista nas redes sociais, que se fortalecem no contexto de recuos conservadores expressos na política formal, especialmente no âmbito do legislativo.

O feminismo tomou as ruas, em movimentos como a *Marcha das Vadias* e a *Primavera Feminista*, fortalecendo um ativismo tem se constituído mediado pelas novas ferramentas de comunicação, associadas às novas tecnologias.

Optamos por compreender o feminismo e suas protagonistas, levando em conta as ‘heranças’ e ‘inovações’ que caracterizam o momento atual da luta das mulheres por igualdade.

Sabemos que o crescimento do feminismo passa por movimentos globais, mas entendemos também que em cada movimento constroem-se particularidades, a partir da realidade local.

Dentre as questões globais, está o enfrentamento à violência contra as mulheres, que tem sido objeto de intenso debate, com grande participação de organismos internacionais como a ONU. Tal debate trouxe novas conotações ao "corpo".

As mulheres continuam a reivindicar autonomia para andar pelas ruas sem medo de assédio e de estupro (o Brasil é o 5º país quando se trata de violência contra as mulheres), e lutam por liberdade para vestir o que quiser sem ser culpabilizadas quando vítimas de violência.

Outra questão que perpassa o momento atual do feminismo é a afirmação das diferenças, que envolvem a sexualidade em suas diversas orientações sexuais, os corpos femininos também em sua diversidade de formas e tamanhos - inclusive o corpo transgênero, que as transfeministas assumem como mais uma expressão de identidade feminina, que se fortalece como uma pauta atual de vários setores do movimento. Assim como é significativa a presença de pautas relacionadas à etnia, identidade cultural e racial.

Buscamos apresentar como tais sínteses se constroem num grupo feminista local, o *Coletivo de Mulheres de Aracaju*. Através de respostas apresentadas por mulheres do Coletivo, pudemos perceber a importância da internet e da *Marcha das Vadias* como elementos de associação de mulheres ao Coletivo e de divulgação do mesmo.

Dentre as particularidades, destacamos a diversidade como produtora de uma unidade plural e processual, na qual diferentes trajetórias se combinam.

Diante de tantos espinhos, a Primavera das mulheres não acabou. As feministas semeiam flores, nas ruas e nas redes sociais. Por se quererem livres, exigem direitos e a não apropriação de seus corpos.

Se nas décadas de 70 e 80 as feministas gritaram “Nosso corpo nos pertence”, as mulheres de hoje reinventam essa máxima ao ecoar pelas ruas “Meu corpo, minhas regras”, contrariando a ideia de superação do movimento feminista.

Referências

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013.

CRENSHAW, Kimberlé W. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. University of Chicago Legal Forum, 1989, pp. 139-67.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil**. Soc. estado. [online]. 2014, vol.29, n.2, pp. 433-447.

HELENE, Diana. A Marcha das Vadias: o corpo da mulher e a cidade. In: **REDOBRA 11** [ano 4, número 1], CORPOCIDADE 3, 2013, PP. 68 –79.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. (Coleção História do Povo Brasileiro).